

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/7746086>

[Content analysis: a qualitative data analysis tool in health care].

ARTICLE *in* REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM · OCTOBER 2004

Impact Factor: 0.25 · Source: PubMed

READS

769

1 AUTHOR:



[Claudinei José Gomes Campos](#)

University of Campinas

35 PUBLICATIONS 83 CITATIONS

SEE PROFILE

Resumo

O método de análise de conteúdo constitui-se em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos. Percebe-se, porém, que existe por parte do pesquisador iniciante ou do não familiarizado com estas técnicas, dificuldades em relação ao entendimento e aplicação do método. Assim sendo, objetivou-se neste trabalho, apresentar de maneira clara, conceitos e aspectos importantes constantes do método de análise de conteúdo e discutir alguns de seus pontos centrais. O método de análise de conteúdo foi sistematizado na primeira metade do século XX e a princípio foi importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, sendo hoje um método amplamente utilizado em pesquisas científicas no campo da saúde.

Descritores: métodos; pesquisa qualitativa; pesquisa metodológica em enfermagem

Abstract

The content analysis method utilizes various techniques for qualitative data analysis. However, for a novice researcher or one who is unfamiliar with this technique, understanding and applying this method has proved to be difficult. Therefore, this study was undertaken with the purpose of clarifying important concepts and aspects of this method as well as discussing its core points. The content analysis method was systematized during the first half of the twentieth century and, at first, it was an important tool for analyzing articles and advertisements published by the media in the United States. Presently, it is widely used in scientific research in the field of health care.

Descriptors: method; qualitative research; nursing methodology research

Title: Content analysis: a qualitative data analysis tool in health care

Resumen

El método de análisis de contenido está constituido por un conjunto de técnicas, utilizado en el análisis de datos cualitativos. Se observa que investigadores iniciantes o poco familiarizados con estas técnicas, encuentran dificultades con relación a la comprensión y a la aplicación del método. Este trabajo tiene como objetivo presentar de forma clara, conceptos y aspectos importantes del método de análisis de contenido y discutir algunos puntos centrales. El método de análisis de contenido fue sistematizado en la primera mitad del siglo XX y se transformó en una herramienta importante en la búsqueda del sentido de los artículos y propagandas de la prensa escrita en los Estados Unidos, siendo hoy un método ampliamente utilizado en la investigación científica en el campo de la salud.

Descritores: métodos; investigación cualitativa, investigación metodológica en enfermería

Título: Método de análisis de contenido: una herramienta para análisis de datos cualitativos en el campo de la salud

1 Introdução

Na realização de uma pesquisa científica nos deparamos com diversas etapas, podendo surgir obstáculos na sua execução. Essas dificuldades, via de regra, são associadas muitas vezes, ao desconhecimento e, principalmente, a não familiaridade com os métodos ou técnicas empregados.

Normalmente quando o pesquisador iniciante termina a etapa de coleta de dados, geralmente uma fase exaustiva, que se não realizada adequadamente pode comprometer toda a pesquisa, poderá ter a falsa sensação que o trabalho está para terminar, ou poderá pensar: agora falta pouco! Ledo engano. Talvez a fase de analisar os dados, na execução de uma pesquisa científica, seja um dos momentos mais nevrálgicos e a escolha do método ou da técnica para a sua realização necessite do pesquisador muita atenção e cuidado. Essa escolha realmente tem que ser adequada e proporcionar a exploração dos dados em toda a sua riqueza e possibilidades.

No universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta (*corpus*), tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, ou seja, seu caráter polissêmico numa abordagem naturalística.

Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Percebo em minha experiência, uma grande dificuldade do pesquisador iniciante ou não familiarizado com o método de análise de conteúdo, que invariavelmente recorre aos parcos materiais, geralmente em forma de livros, sobre o assunto. Estes textos, apesar de apresentarem uma riqueza de informações

sobre o método, muitas vezes necessitam de uma decodificação e amplas adaptações à realidade estudada, sobretudo na enfermagem, pela multiplicidade de problemas abordados⁽¹⁾.

Desta maneira o objetivo deste trabalho é apresentar de uma maneira clara conceitos e aspectos importantes que fazem parte do método da análise de conteúdo e analisar alguns pontos, que segundo nossa experiência são centrais.

2 Alguns aspectos históricos do uso da análise de conteúdo

A primeira tentativa, por assim dizer, para responder à indagação: o que essa mensagem significa exatamente?, surgiu com a decodificação de símbolos, sinais e mensagens, por meio da exegese (avaliação minuciosa) dos textos bíblicos, para a possível interpretação de metáforas e parábolas contidas neste documento.

Posteriormente, no século XVII na Suécia, mais exatamente em 1640, análises de conteúdos prematuras são citadas em referência à pesquisa de autenticidade de hinos religiosos e os efeitos que por ventura poderiam ter sobre os luteranos. Neste evento foram verificados os temas, valores, modalidades e complexidade estilísticas destes escritos⁽²⁾.

No período que compreende 1888-1892, o francês B. Bourbon tentou captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem, utilizando para isso escritos bíblicos, mais especificamente o êxodo, numa perspectiva temática e quantitativa.

Um exemplo clássico e importante sobre a utilização da análise de conteúdo, passa ser o seu uso na interpretação dos artigos da imprensa, sobretudo nos Estados Unidos no início do século XX, onde há um maior desenvolvimento dessas técnicas, inicialmente para medir o impacto sensacionalista dos artigos, sempre seguindo um rigor quantitativista em relação ao tamanho dos títulos, artigos e número de páginas.

Posteriormente com o advento da 1ª. Guerra mundial, o interesse voltou-se ao estudo da propaganda. Um trabalho de H.

* Enfermeiro. Doutor em Ciências Médicas/ Saúde Mental. Professor Colaborador do Dep. Enfermagem da FCM – UNICAMP. Membro do Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa (LPCQ) da FCM – UNICAMP.
E-mail do autor: cjc Campos@fcm.unicamp.br.

Lasswell editado em 1925 ilustra o fato, *Propaganda Technique in the World War*, agrupa análises de imprensa e propaganda deste período. Importante salientar que os Estados Unidos viviam um momento no qual os conceitos behavioristas eram amplamente aceitos, o que direcionava sua análise para uma vertente comportamental objetiva, que visava avaliar a relação estímulo/reação comportamental dos sujeitos envolvidos⁽³⁾.

Importante assinalar aqui a ruptura, ainda existente nesta época, entre a psicologia social e a lingüística, sendo que apesar das duas utilizarem o mesmo objeto de interesse, ou seja, a linguagem, a primeira se ocupava com a busca de realidades por meio das mensagens e a segunda do estudo da linguagem⁽²⁾, as duas disciplinas se davam às costas e se ocupavam cada qual com sua visão específica⁽⁴⁾.

O interesse pelas ciências políticas, nos Estados Unidos, na década de 40, aliados aos acontecimentos da época, como a 2ª Guerra Mundial fizeram com que a análise de conteúdo fosse largamente utilizada na descoberta de jornais ou revistas que ofereciam propagandas subversivas, principalmente com ideologia nazistas. Nesta época, Lasswell da Universidade de Chicago, continuava seus estudos sobre a análise dos símbolos e a ele se juntaram outros pesquisadores de diversas áreas como sociólogos, psicólogos e cientistas políticos.

Metodologicamente se projetaram também Berelson e Lazarsfeld, que sistematizaram as preocupações epistemológicas da época, sintetizados no livro *The analysis of communication contents*, editado em 1948.

Berelson, Lazarsfeld e Lasswell são os verdadeiros marcos criadores de um instrumental de análise de conteúdo⁽⁵⁾. Percebe-se, porém, essa metodologia impregnada de objetividade e o rigor se confundem com os pressupostos positivistas, excluindo outras possibilidades de avaliação qualitativa do material.

Nos princípios da década de 50, existe uma frustração de seus próprios autores em relação ao método. O próprio Berelson afirma: "A análise de conteúdo não possui qualidades mágicas e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes menos (...) no final das contas não há nada que substitua as idéias brilhantes"^(2:20).

O desencantamento inicial apesar de depressivo e desolador, usando da própria análise de conteúdo desta fala, trás uma "brilhante idéia"; mostra-nos que não poder-se-á prescindir, além do rigor matemático, de outra forma de validação como a percepção dos conteúdos latentes e intuição não passível de quantificação⁽⁵⁾.

Nas décadas que se seguiram até os tempos atuais, o que existe são debates e discussões a respeito do uso do método segundo as perspectivas quantitativas descritas por Berelson, Lazarsfeld e Lasswell e seus seguidores e as novas tendências, mais voltadas à procura dos conteúdos não manifestos e associadas às inferências sobre o material estudado, numa perspectiva qualitativa de pesquisa. Importante assinalar que o desenvolvimento da informática das últimas décadas trouxe no campo na análise de conteúdo, o desenvolvimento de programas de computação apropriados para a verificação da frequência de ocorrência de palavras em determinado texto, o que favoreceria uma abordagem por freqüenciamento do material.

3 Conceitos e definições sobre análise de conteúdo

Para definir análise de conteúdo remeti-me aos conceitos de dois autores estudiosos do assunto. O primeiro deles é Berelson, como visto anteriormente, um dos primeiros a sintetizar a análise de conteúdo como técnica de estudo, na década de 40 e apresentava uma definição fortemente baseada no modelo cartesiano de pesquisa: "análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa"^(6:18).

Hoje críticas se fazem em relação ao uso restrito que Berelson empregava, principalmente no tocante à negação dos conteúdos latentes da comunicação, como objeto de atenção nas análises.

Desta forma Bardin configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens⁽²⁾. Porém, a própria autora afirma que este conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica, acrescentando que a intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos ou não.

Desta forma, atualmente, a técnica de análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos⁽⁷⁾.

É importante frisar que novas abordagens conceituais e utilização do método, principalmente de inclusão de novas perspectivas nas pesquisas da área de saúde tem sido verificadas contemporaneamente, citando Minayo e Turato, respectivamente na abordagem dialética⁽⁵⁾ e clínico-qualitativa⁽⁸⁾.

4 Os domínios do método de análise de conteúdo

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações ⁽²⁾, assim sendo, é destacada neste campo, a importância da semântica para o desenvolvimento do método. Entendo-se por semântica aqui, a pesquisa do sentido de um texto.

Desta forma, é viável que se delinee os campos dos métodos de análise de conteúdo, como vemos no quadro 1:

Domínio da lingüística	Métodos lógicos estéticos e formais	Métodos lógicos semânticos	Métodos semânticos e semânticos estruturais	Hermenêutica
------------------------	-------------------------------------	----------------------------	---	--------------

Quadro 1 – Campo de métodos de análise de conteúdo⁽⁴⁾.

Pode-se por assim dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da lingüística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica).

Se o caminho escolhido voltasse para o domínio da lingüística tradicional, a análise de conteúdo abarcará os métodos lógicos estéticos, onde se busca os aspectos formais típicos do autor ou texto. Nesse território, o estudo dos efeitos do sentido, da retórica (estilo formal), da língua e da palavra, invariavelmente evolui, na lingüística moderna, para a "análise de discurso".

No outro lado, sob a fronteira da hermenêutica, os métodos são puramente semânticos, subdividindo-se em métodos psicológico-semânticos, que pesquisam as conotações que formam o campo semântico de uma imagem ou de um enunciado, e em métodos semânticos estruturais, que se aplicam a universos psico-semânticos ou sócio-semânticos mais ampliados.

No centro, localiza-se o grupo de métodos lógico-semânticos, lógicos, pois se o alcance da análise de conteúdo é de um classificador, assim sendo, a classificação é lógica, segue parâmetros mais ou menos definidos e o analista se vale de definições, que são problemas da lógica.

5 Uma breve discussão acerca dos conteúdos

O conteúdo de uma comunicação, não obstante a fala humana, e tão rica e apresenta uma visão polissêmica e valiosa, que notadamente permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações. Talvez o maior "nó" em relação à abordagem desses conteúdos está em como visualizá-lo no campo objetivo, a princípio mais palpável; e no campo simbólico, ou seja, naquilo que não está aparente na mensagem. Isto nos remete a uma breve discussão sobre os limites dos "conteúdos manifestos" e dos "conteúdos latentes" de uma mensagem.

Em relação aos conteúdos manifestos (explícitos), é dele que se deve partir (tal como se manifesta) e não falar “através dele”, num exercício de mera projeção subjetiva, de mesma maneira é importante que os resultados da análise de conteúdo devam refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos no conteúdo das comunicações⁽⁴⁾.

Entretanto, muitas vezes ouvimos dizer que nem sempre aquilo que se está escrito é o que verdadeiramente o locutor queria dizer, ou mesmo, que existe uma mensagem nas entrelinhas que não está muito clara, pois bem, chegamos a encruzilhada, onde nem sempre os significados são expressos com clareza absoluta, ou onde acaba a objetividade e começa o simbólico.

Para o investigador qualitativo, tal momento, reveste-se de suma importância, pois a desconsideração de um em detrimento do outro, pode colocá-lo frente à situação de negação completa da subjetividade humana ou por outro lado, a imposição de seus próprios valores em desconsideração a um pressuposto básico da pesquisa qualitativa, ou seja, os dados são analisados levando-se em consideração os significados atribuídos pelo seu sujeito de pesquisa. De qualquer forma acreditamos que esses extremismos devam ser evitados, não reeditando o falso conflito entre os métodos quantitativos e qualitativos, mas sim os considerando como complementares.

Desta maneira, a análise de conteúdo não deve ser extremamente vinculada ao texto ou a técnica, num formalismo excessivo, que prejudique a criatividade e a capacidade intuitiva do pesquisador, por conseguinte, nem tão subjetiva, levando-se a impor as suas próprias idéias ou valores, no qual o texto passe a funcionar meramente como confirmador dessas.

Outro ponto importante ainda dentro dos conteúdos, e que esses tendem a serem valorizados à medida que são interpretados, levando-se em consideração o contexto social e histórico sob o qual foram produzidos⁽⁴⁾.

6 A importância da inferência para a análise de conteúdo

A análise de conteúdo como conjunto de técnicas se vale da comunicação como ponto de partida. Diferente de outras técnicas como a estocagem ou indexação de informações, crítica literária, é sempre feita a partir da mensagem e tem por finalidade a produção de inferências.

O ato de inferir significa a realização de uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras^(2,39).

Produzir inferências sobre o texto objetivo é a razão de ser da análise de conteúdo; confere ao método relevância teórica, implicando pelo menos uma comparação onde a informação puramente descritiva sobre o conteúdo é de pouco valor. Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria⁽⁴⁾.

Segundo este ponto de vista, produzir inferência, em análise de conteúdo significa, não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. Situação concreta que é visualizada segundo o contexto histórico e social de sua produção e recepção.

7 Fases da análise de conteúdo

É necessário explicitar aqui, que apresentaremos as fases de uma análise de conteúdo sem a preocupação ou pretensão de priorizar este ou aquele autor específico, preocupamo-nos sim em determinar de uma forma geral e sucinta os componentes básicos que os diversos autores denominam muitas vezes com outros nomes, mas que de uma forma geral são comuns à maioria. Desta maneira utilizamos do campo lógico-semântico para ambientar tal descrição.

I) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes

do *corpus* das entrevistadas

Selecionado o *corpus* a ser analisado procede-se às leituras flutuantes de todo o material, com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise. Na leitura flutuante toma-se contato com os documentos a serem analisados, conhece-se o contexto e deixa-se fluir impressões e orientações⁽²⁾.

São empreendidas várias leituras de todo o material coletado, a princípio sem compromisso objetivo de sistematização, mas sim se tentando apreender de uma forma global as idéias principais e os seus significados gerais.

Podemos garantir que nesta fase da análise existe uma interação significativa do pesquisador com o material de análise, pois como um contato totalizante, muitas das impressões trabalhadas no contato direto com o sujeito afloram na lembrança e auxiliam na condução deste procedimento.

Nesta fase a utilização de uma leitura menos aderente, promove uma melhor assimilação do material e elaborações mentais que forneceram indícios iniciais no caminho a uma apresentação mais sistematizada dos dados. Essas leituras iniciais promovem uma visão “descolada”, a qual permite ao pesquisador transcender a mensagem explícita e de uma forma menos estruturada já conseguir visualizar mesmo que primariamente, pistas e indícios não óbvios.

II) A seleção das unidades de análise (ou unidades de significados)

Uma das mais básicas e importantes decisões para o pesquisador é a seleção das unidades de análise. Nos estudos qualitativos, o investigador é orientado pelas questões de pesquisa que necessitam ser respondidas. Mais frequentemente, as unidades de análises incluem palavras, sentenças, frases, parágrafos ou um texto completo de entrevistas, diários ou livros⁽⁹⁾. Existem várias opções na escolha dos recortes a serem utilizados, mas percebemos um interesse maior pela análise temática (temas), o que nos leva ao uso de sentenças, frases ou parágrafos como unidades de análise.

O tema pode ser compreendido como uma escolha própria do pesquisador, vislumbrada através dos objetivos de sua pesquisa e indícios levantados do seu contato com o material estudado e teorias embasadoras, classificada antes de tudo por uma seqüência de ordem psicológica, tendo comprimento variável e podendo abranger ou aludir a vários outros temas.

O evidenciamento das unidades de análise temáticas, que são recortes do texto, consegue-se segundo um processo dinâmico e indutivo de atenção ora concreta a mensagem explícita, ora as significações não aparentes do contexto.

Difícil neste momento é delinear com absoluta transparência os motivos da escolha deste ou daquele fragmento, sem levar em consideração que a relação que se processa entre o pesquisador e o material pesquisado é de intensa interdependência. Para tal são utilizados os objetivos do trabalho e algumas teorias como primeiros norteadores, porém, não se pode na análise dissociar-se, nem em última instância abster-se do uso de recursos mentais e intuitivos que muitas vezes transcendem as questões postuladas e são definitivamente necessários a uma análise deste porte.

Não obstante, podemos dizer que a opção por essa ou aquela unidade temática é uma conjunção de interdependência entre os objetivos do estudo, as teorias explicativas adotadas pelo pesquisador e por que não dizer as próprias teorias pessoais intuitivas do pesquisador.

Neste constante ir e vir entre os objetivos do trabalho, teorias e intuições do pesquisador emergem as unidades de análise que futuramente são categorizadas conforme explico a seguir.

III) O processo de categorização e sub-categorização

O processo de categorização pode ser definido como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero^(2,117).

Desta forma, podemos caracterizar as categorias como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que possam através de sua análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos. As categorias utilizadas podem ser **apriorísticas** ou **não apriorísticas**:

Se **apriorística**, o pesquisador de antemão já possui, segundo, experiência prévia ou interesses, categorias pré-definidas. Geralmente de larga abrangência e que poderiam comportar sub-categorias que emergissem do texto. Entre os prós e os contras desse tipo de categorização estão inicialmente as comodidades de um certo balizamento, o que permitiria ao pesquisador classificar diretamente suas unidades de análises dentro destas categorias preferenciais e a partir daí diversificá-las em subcategorias. No entanto, percebe-se nitidamente que muitas vezes, partir de categorias pré-definidas pode limitar a abrangência de novos conteúdos importantes que por algum motivo não se “encaixem” nessas categorias prévias, promovendo um certo “engessamento” das categorias temáticas.

No caso da escolha pela categorização **não apriorística**, essas emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa.

A verdade é que não existem fórmulas mágicas que possam orientar o pesquisador na categorização, e que nem é aconselhável o estabelecimento de passos norteadores⁽⁴⁾. Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado nos seus conhecimentos teóricos, norteado pela sua competência, sensibilidade e experiência.

Oportuno ressaltar aqui, que existe um outro ponto que pode causar a primeira vista polêmica, no momento do agrupamento das unidades de análise que constituirão categorias, ou seja, fazê-lo por **frequenciamento ou quasi-quantitativa** (repetição de conteúdos comuns à maioria dos respondentes) ou por **relevância implícita** (tema importante que não se repete no relato de outros respondentes, mas que guarda em si, riqueza e relevância para o estudo).

Pensamos que as duas modalidades não são excludentes, como já comentamos anteriormente sobre o falso conflito entre qualitativistas e quantitativistas. Citamos aqui para exemplificar, o uso dessas duas técnicas em nossa tese de doutorado, na qual definimos os significados atribuídos ao tratamento de hemodiálise pelos doentes renais crônicos⁽¹⁰⁾.

Conjuntamente na formação das categorias e sub-categorias, é prudente a **codificação** das unidades de análise para que essas não se percam na diversidade do material trabalhado. Codificar é o processo através do qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias e que permitam posteriormente a discussão precisa das características relevantes do conteúdo⁽⁴⁾.

O processo de codificação, ou seja, a marcação das unidades de análise, com sinais ou símbolos que permitam seu agrupamento posterior (em categorias ou sub-categorias), geralmente é muito individual, cabendo ao pesquisador se valer da forma que mais lhe agrade. Percebemos, em nossa experiência, que a codificação alfa-numérica tem a preferência de boa parte deles.

Percebemos que no exercício da categorização se abre um leque de categorias, principalmente quando se escolhe o meio não apriorístico, sendo que esta etapa é exaustiva e deve culminar com movimentos de reagrupamento e configuração final das categorias e subcategorias.

Apesar de didaticamente, esse item aparecer em uma seqüência lógica, acreditamos que o exercício de compreensão e discussão dos dados ou resultados é um processo que possa ser feito conjuntamente com os outros passos da análise, ou seja, à medida que são feitos, os idos e vindos ao material, ao corpo teórico norteador, referencial pessoal do pesquisador e suas inferências. Esse processo coloca o pesquisador em um momento, solitário, pois ele vivenciou a coleta de dados e manteve por todo este período contato com seus sujeitos de pesquisa, angariando dados e percepções que só ele teve acesso. No entanto, viés da percepção e escrutínio pode acontecer, mesmo as teorias pessoais do pesquisador podem vir acompanhadas de idéias pré-concebidas ou cristalizadas sobre o fenômeno, desta forma se faz necessário o ajuizamento desta análise como veremos a seguir na sua validação.

Como no processo de coleta de dados, no uso dos instrumentos e técnicas, também é necessária uma validação da análise procedida pelo pesquisador. Existem diversas formas de se realizar essa validação, por exemplo, na triangulação de teorias, na qual se analisa os dados tomando por base várias teorias e tenta-se encontrar validade intrínseca pelo embasamento de cada uma delas.

Mais comumente tem-se usado à validação externa, por juízes e pelos pares. Também se pode apresentar os resultados, aos pares, nos grupos de discussão e pesquisa, apresentando e debatendo os resultados nestes fóruns.

8 Considerações finais

Fazer uma abordagem do método de análise de conteúdo, significa demonstrar sua versatilidade, mas também seus limites enquanto técnicas. Vislumbramos assim, que o desenvolvimento deste método passa invariavelmente pela criatividade e pela capacidade do pesquisador qualitativo em lidar com situações que, muitas vezes, não podem ser alcançadas de outra forma. De qualquer maneira é uma importante ferramenta na condução da análise dos dados qualitativos, mas deve ser valorizado enquanto meio e não confundido como finalidade em um trabalho científico.

Referências

1. Gutiérrez MGR, Leite JL, Pagliuca LMF, Erdman AL. Os múltiplos problemas pesquisados e a pesquisa na enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2002 set/out; 55(5):535-41.
2. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
3. Leopardi MT, Beck CLC, Nietzsche EA, Gonzales RMB. Metodologia da pesquisa na saúde. Santa Maria (RS): Palotti; 2001.
4. Franco MLPB. O que é análise de conteúdo. São Paulo: PUC; 1986.
5. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4ª ed. São Paulo: Hucitec; 1996. 269p.
6. Berelson, B. Content analysis in communication research. New York: Hafner; 1984.
7. Rodrigues MSP, Leopardi MT. O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros. Fortaleza (CE): Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 1999.
8. Turato ER. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis (RJ): Vozes; 2003.
9. Downe-Wamboldt B. Content analysis: method, applications, and issues. Health Care Women Int 1992; 13(3):313-21.
10. Campos CJG. A vivência do doente renal crônico em hemodiálise: significados atribuídos pelos pacientes [tese de Doutorado em Ciências Médicas]. Campinas (SP): Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas; 2002. 310f.

Data de Recebimento: 01/03/2004

Data de Aprovação: 22/12/2004